

Editorial

São o que nós fomos; são o que devemos vir a ser de novo. Fomos natureza como eles, e nossa cultura deve nos reconduzir à natureza pelo caminho da razão e da liberdade. São, portanto, expressão de nossa infância perdida, que para sempre permanece como aquilo que nos é mais precioso; por isso, enchem-nos de uma certa melancolia. Ao mesmo tempo, são expressões (*Darstellungen*) de nossa suprema completude no Ideal, transportando-nos (*versetzen*), por isso, a uma sublime comoção (SCHILLER, 1991, p. 44)

A noção de transposição (*Versetzung*) é marcada pela ideia de deslocamento, de um vir de um lugar originário para um outro lugar que o acolhe e dialoga com ele, dando-lhe um novo sentido, por ter dele uma nova percepção. Em *Poesia Ingênua e Sentimental*, Schiller transpõe a concepção de natureza consolidada pelos antigos gregos, mostrando que eles a conceberam a partir de um contexto ético, e não estético, como na modernidade. Os modernos parecem se distanciar do modelo dos antigos, em que o homem e a natureza se encontravam integrados, Schiller olha melancolicamente para os primórdios do pensamento grego, e o compara a “infância perdida” (*verlorenen Kindheit*) (1991, p. 44) do homem moderno. No pensamento moderno, a contemplação da natureza abandona a “sublime comoção” (*erhabene Rührung*) (1991, p. 44) do pensamento antigo, e o exercício da reflexão passa a ser o elemento mediador nas formas de representações (*Darstellungen*) da natureza. Olhando para os gregos, Schiller opera a transposição entre modos distintos de se deixar afetar pela natureza, os antigos a “sentiam naturalmente” (*empfanden natürlich*), enquanto nós, os modernos, “sentimos o natural” (*empfinden das Natürlich*) (1991, p. 56). Um processo análogo se dá em relação aos modos de conceber o belo, os antigos transpõem a esfera do belo natural para a do belo inteligível, quando os modernos, a partir de Hegel, transpõem a ideia de inteligível para contrapor a concepção de belo natural a de belo artístico, centrados na necessidade de representar a natureza do belo, a partir da noção kantiana de juízo de gosto.

Olhar para os gregos como paradigma para se pensar os modernos, levam Schiller a conceber, nas *Cartas sobre a educação estética do homem*:

Não é apenas por uma simplicidade, estranha a nosso tempo, que os gregos nos humilham; são também nossos rivais, e frequentemente nossos modelos (*Muster*), naqueles mesmos privilégios com que habitualmente nos consolamos da inaturalidade (*Naturwidrigkeit*) de nossos costumes (SCHILLER, 2002, p. 39).

Situar os gregos como “modelo” significa, para Schiller, transpor a sua própria cultura, e situá-los como referência para pensar o mundo antigo e o moderno.

Por sua vez, Heidegger entende a transposição como um processo em que “[...] nos vemos transpostos-de-volta (*zurückversetzt*) ao ponto de partida” (GA 1, 1913, p. 183), embora seja impossível voltarmos a um lugar inteiramente distinto do nosso. Goethe pensa o ato de transpor

em sentido apropriador, a partir de uma ideia de tradução “paródica”, ou seja, quando se está “em condições de transpor (*versetzen*) para o estrangeiro, mas só havendo propriamente esforço de se apropriar (*anzueignen*) do espírito estranho e rerepresentá-lo (*darzustellen*) com nosso espírito próprio” (W 1, 1998, p. 523). Assim sendo, a noção de transposição nos estudos da antiguidade, se direciona para os modos como ler, pensar, analisar, traduzir os clássicos, permitindo a inclusão de novas correntes interpretativas e/ou novas abordagens de pesquisa, ou ainda dando maior liberdade para traduzir os antigos.

A abordagem sobre o uso da transposição nas pesquisas em torno da civilização antiga, pode ser caracterizada, seja como uma provocação, ou até mesmo uma crítica, seja um questionamento envolvendo o modo de pensar as “transposições” nos estudos da(s) Antiguidade(s). Com isso, a transposição representaria o movimento de transpor a distância entre o pensamento da Antiguidade e o tempo atual? Ou seria um ato de acolhimento, uma dissociação entre forma e conteúdo, uma busca de fidelidade ao texto e à cultura original? O caráter transdisciplinar dos Estudos Clássicos e sua flexibilização no Brasil, permite o exercício dialógico entre as mais variadas “vertentes” teóricas (linguísticas, literárias, filosóficas, científicas, culturais, artísticas, históricas, antropológicas, arquitetônicas, arqueológicas, geográficas, míticas, religiosas, filológicas etc.), a partir de interpretações de textos e monumentos da cultura antiga em geral, não exclusivamente da cultura chamada “clássica”.

O Dossiê “Transposições nos Estudos da Antiguidade(s)” retoma um dos eixos analíticos do XXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, ocorrido de 25 a 29 de setembro de 2023, no Campus da UFPA, em Belém do Pará, abordando o tema, “Antiguidade(s): transposições e vertentes”. Composto por doze artigos, centrados em diferenciadas perspectivas de abordagens, e tomando como referência teórica campos distintos dos Estudos Clássicos, como Letras Clássicas (Grego e Latim), História e Filosofia, o Dossiê abriga resultados de pesquisas e atuações na extensão, cujos autores são associados da SBEC, com apresentações de trabalho, ou foram convidados das mesas do Congresso da SBEC, envolvendo: mesa de abertura; MR1: Representações femininas na Antiguidade; MR2: Às margens do clássico: como pensar a(s) Antiguidade(s) para além dos grandes centros e suas teorias hegemônica?; MR5: Perspectivas dialógicas da Extensão nos Estudos da Antiguidade(s).

As Letras Clássicas recebem a temática da transposição, nos seguintes artigos:

Maria de Fátima Silva, em “Eurípides, o poeta da paixão destrutiva”, analisa o modo como Eurípides transforma simbolicamente as heroínas do passado, em mulheres inseridas na contingência histórica e critérios sociais vingentes na Atenas do séc. V a.C.

Matheus Trevizam, em “Vegetal, animal e humano nas *Geórgicas* de Virgílio: porosidade de fronteiras e empatia”, retoma um aspecto específico das *Geórgicas* de Virgílio, os traços comuns com que o poeta dota as plantas, animais e homens.

Emiliano J. Buis, em “El mortero del tirano: cosificación, voracidad y agencia internacional en *Paz* de Aristófanes (vv. 236-300)”, se propõe a explorar a funcionalidade da cultura material e suas implicações para a compreensão da comédia *A Paz*, de Aristófanes, na entrada em cena de Guerra (Pólemos), representado como uma divindade tirana, e da descrição de suas preparações culinárias no final do prólogo (vv. 236-300).

Orlando Luiz de Araújo, em “Do amor abandonado em *Memórias do mar aberto*: Medeia conta sua história, de Consuelo de Castro, e *Medeia*, de Eurípides”, visita duas representações de Medeia, a da dramaturga mineira Consuelo de Castro e a do poeta trágico Eurípides, para mostrar que o amor e a paixão, na *Medeia* euripidiana, em Consuelo de Castro são reconstruídos como elementos responsáveis pelo abandono de si e pela dimensão dramática do humano.

As atividades de extensão retomam a Antiguidade Clássica, nos seguintes projetos:

Renata Senna Garraffoni apresenta o projeto de extensão, "Produção de conhecimento acadêmico sobre Antiguidade Clássica e diálogo com a sociedade brasileira: algumas reflexões a partir da Universidade Federal do Paraná (UFPR)", no qual articula os saberes produzidos a partir de redes de pesquisa internacionais com a prática de ensino de História Antiga no Departamento de História da UFPR, centrado na relação entre História, Arqueologia e Recepção.

Katia Teonia Costa de Azevedo, apresenta o projeto de extensão, "O Projeto Mitologando e a comunicação de saberes", no qual recepciona a antiguidade clássica na literatura infantil e juvenil, mostrando que o projeto surge da necessidade de explorar o vasto corpus literário da antiguidade clássica, visando aprofundar o entendimento de crianças e jovens sobre o mundo antigo e suas implicações na contemporaneidade.

Ana Maria César Pompeu, apresenta o projeto de extensão, "A Extensão no Núcleo de Cultura Clássica da Universidade Federal do Ceará", no qual mostra como ao longo de seus trinta e um anos de história, o NUCLASS vem desenvolvendo uma série de atividades que visam à disseminação dos Estudos Clássicos no Ceará e no Brasil, como cursos de extensão de Grego, Latim e Mitologia Greco-romana, semanas temáticas, palestras, publicações e grupos de estudo.

A Filosofia Antiga recepciona a temática da transposição nos seguintes artigos:

Maria Aparecida de Paiva Montenegro e Hedgar Lopes Castro, em "A lógica do Ser em Parmênides: entre a poesia e a filosofia", defendem que a noção de *phýsis* em Parmênides, se distingue do sentido firmado na tradição milesiana, sendo ela apreendida pelo pensamento e não mais pelas sensações, o que lhe permite operar o movimento entre a linguagem poética e a filosófica.

Cristina de Souza Agostini, em "Aristófanes e Platão: o acordo sobre o problema da liberdade democrática", investiga como a comédia (*Acarnenses* de Eurípides) e a filosofia (*República* de Platão) tratam a democracia como fator de disrupção.

Rafael Guimarães Tavares da Silva e Sara Anjos, em "Xantipa e o lugar da mulher na história da Filosofia", retomam a figura de Xantipa, na maioria das vezes representada de forma estereotipada, para pensar a questão de gênero na filosofia, sobretudo a platônica.

Rogério Gimenes de Campos, em "O palimpsesto de Dião Crisóstomo no *Discurso* 11, 37- 43", retoma o palimpsesto de Dião, para fazer reconhecimentos de lugares comuns, como o Egito, em Heródoto, Platão e Estesícoro.

Jovelina Maria Ramos de Souza, em "Alcíbiades, o 'natural' não-filósofo", transpõe a imagem sedimentada do "natural filósofo", para caracterizar Alcíbiades, de maneira provocativa, como uma espécie de "natural" não-filósofo, causa de seu impedimento em completar todo o ciclo da *scala amoris* de Diotima, conseguindo atingir, a seu modo, até o estágio do amor das almas.

Com os agradecimentos aos autores por suas colaborações no Dossiê "Transposições no Estudos da Antiguidade(s)", desejo aos leitores uma prazerosa leitura!

Jovelina Ramos (UFPA)
Presidente da SBEC (Gestão 2022/2023)

Nota do Editor Geral

Há um tempo a equipe editorial da *Argumentos* tem se preparado para implementar uma terceira seção dentro da revista, na área de Filosofia Clássica. O momento é mais que oportuno para esse anúncio, considerando que esse é o nosso segundo dossiê dedicado aos Estudos Clássicos. Com satisfação, apresento à comunidade leitora do nosso periódico as editoras da nova seção, as professoras Maria Aparecida de Paiva Montenegro (pesquisadora de filosofia antiga) e Francisca Galiléia Pereira da Silva (pesquisadora de filosofia medieval). Aproveito o espírito de júbilo e parabeno o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC, que comemora 25 anos de fundação, assim como congratulo-me com meus colegas pela feliz notícia do conceito 5, confirmado pela presidência da CAPES, obtido na última Avaliação Quadrienal.

Finalizo essa nota convidando-te a ler os nove artigos e as duas resenhas que compõem a seção *Varia* do número atual. Os textos versam com maestria sobre temas como *filosofia brasileira, filosofia pública, a figura do barroco, niilismo, filosofia africana, existencialismo, descolonização filosófica e a teoria erótica e a sophrosyne em Platão*. Há uma resenha do texto de Newton Bignotto e a segunda de um texto de C. Sharpe.

Boa leitura!

Hugo Filgueiras de Araújo

Editor Geral da *Argumentos: Revista de Filosofia*

Referências

SCHILLER, F. *A educação estética do homem*. 4. ed. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SCHILLER, F. *Poesia ingênua e sentimental*. Estudo e tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.